

Heloisa Primavera é bióloga pela Universidade de São Paulo, posgraduada em Paris em Genética de Virus e Biologia Molecular. Mestre em Ciencias Sociais pela Escola de Sciologia e Política de São Paulo, atualmente é doutoranda em Economia pela Universidade de Buenos Aires. Sua atuação profissional no campo da docencia inclui as áreas de Ciencias Naturais, Ecologia, Epistemologia da Complexidade, Gestão de Programas Sociais e Economia Solidaria. Consultora de empresas e organizações, foi assessora de projetos especiais do BID, Banco Mundial, Unesco e Organização Mundial da Saude. Fundadora da Rede Latinoamericana de Socioeconomia Solidária em 1999, foi animadora do Grupo internacional de animação do Polo de Economia Solidária da Aliança para um mundo responsável, plural e solidário, onde criou e animou o Grupo de Trabalho sobre Moeda Social. Participou na difusão desse programa em todas as edições do Forum Social Mundial e nas principais conferencias internacionais sobre Moedas Sociais e Economia Solidária. Atualmente, coordena o Projeto Colibri, cujo objetivo é formar uma rede de 3000 promotores de desenvolvimento endógeno na América Latina. Por sua atuação como promotora das redes de troca com moeda social na América Latina, recebeu o Premio de Mulher do Ano do Instituto de Estudos Politicos e Sociais da Mulher e foi incluida na lista das Vinte Mulheres que fazem História pelo Jornal Clarin, em 2002. Dela publicamos uma entrevista **IHU On-Line** número 21 do dia 10 de junho de 2002, disponível nesta página. Yordana Colombo, IHU Unisinos.

Finanças solidárias e moedas sociais. Uma entrevista especial com Heloisa Primavera

Dia 08 de agosto, das 19h30min às 22 horas, na Unisinos, aconteceu o evento **Alternativas para uma outra economia** com Heloisa Primavera, que dissertou sobre Finanças Solidárias e moedas sociais. O ciclo de palestras é promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU durante todo o ano 2006.

IHU On-Line - Em 2002 a senhora nos concedeu uma entrevista sobre Economia Solidária. Muitas coisas mudaram na sua concepção de Economia Solidária de lá para cá?

Heloisa Primavera - Quando você recorda essa data, é difícil acreditar que passaram somente quatro anos. Mas esse tempo foi muito intenso e talvez por isso pareça tanto mais. Vejamos o que aconteceu concretamente e a que se deve essa sensação de defasagem. Particularmente, como vivo na Argentina, 2002 foi o ano do caos em que houve a mudança de quatro presidentes em duas semanas e também do começo da recuperação.

No setor da Economia Solidária, apareceram formas muito inovadoras como as *ollas populares* - enormes caldeirões onde pessoas cozinhavam para quem não tinha o que comer e servia-se nas ruas. Os clubes de troca num primeiro momento explodiram: a moeda social era a única que parecia dar conta da crise. Continuava aquele clima permanente de indignação pela "desaparição" das poupanças da forma surpreendente e escandalosa como aconteceu, as ruas eram isoladas, as fábricas, tomadas, e a população se organizava em assembléias de quarteirão, tentando dar vazão aquela fúria que se expressava com um genérico *Que se vayan todos*. Também é preciso dizer que, apesar de necessário, as diferentes formas de ação política direta e a própria Economia Solidária não se organizaram entre elas e ficaram fazendo *lobby* cada uma por seu lado. Vejo isso muito claramente porque nunca perdi o contato com o Brasil, e essa foi uma diferença importante, porque aqui se organizou, claramente "de baixo para cima", todo um movimento de formas associativas que, no ano 2000, culminou com a criação da **Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária**. É preciso, então, marcar essa diferença se queremos ser rigorosos na observação desse fenômeno que vem crescendo no mundo inteiro.

Especificamente, no espaço dos clubes de troca e moedas sociais, sem dúvida a realização do Fórum Social em Porto Alegre contribuiu para que eles fossem difundidos no mundo, e, em muitos lugares, se desencadeassem processos autônomos. Penso, concretamente, em Vitória da Conquista (Bahia) e numa experiência da Califórnia, que foram promovidas por pessoas que estiveram em nossas oficinas.

Os governos de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul estimulavam todo esse tipo de iniciativas, com uma sábia "não-intervenção", que hoje sabemos ser crítica para os processos de empoderamento das organizações populares. Nenhuma ajuda é pouco, mas ajuda demais às vezes atrapalha; a experiência mostrou isso claramente. Então, voltando ao sentido de sua pergunta, minhas concepções sobre a Economia Solidária mudaram muito nesse tempo. Acho que as próximas respostas vão mostrar bem isso, mas o central é que o processo de consolidação dessa mudança aparece claramente, além dos escritos publicados, na formulação do Projeto Colibri que substitui o **Programa de Alfabetização Econômica**, originalmente mais focado na implantação da moeda social. Diria que se tratou do deslocamento do foco na exclusão pelo desemprego a promoção do desenvolvimento do território como "casa" coletiva dos excluídos.

IHU On-Line - Quais são as principais recordações que a senhora tem da época que morou no Brasil? Quais suas lutas, conquistas e preocupações desse momento? Como chegou a toda a idealização do clube de trocas?

Heloisa Primavera - Essa é uma pergunta muito especial, já que me leva direto à infância e adolescência, quando, sem saber, "praticava economia solidária" acompanhando meu pai que era médico de pobres e aceitava retribuição de seus serviços em mercadorias, chegando a casa com doces caseiros, galinhas mortas (inteiras), ovos etc. Acho que, sem dúvida, essa é a base da minha compreensão imediata das trocas solidárias.

Mas também devo incluir a presença muito forte de **Paulo Freire**, já que tive a honra de pertencer aos primeiros grupos de alfabetização de adultos nas favelas da Marginal Tietê, em São Paulo, onde morava na época.

Quase simultaneamente, veio à influência de minha mãe, que era atriz e me permitiu abraçar o teatro como atividade conscientizadora. Pertenci ativamente à geração do Teatro Oficina e com meu mestre Eugenio Kusnet (amigo ele do próprio Stanislavsky) aprendi dos **Pequenos Burgueses** de Máximo Gorki duas coisas que ainda estão bem vivas em mim: "Existem sempre duas verdades!". "O que existe no futuro depende de você!" Que emoção verificar onde tudo isso está guardado. Obrigada pela pergunta...

IHU On-Line - Quais são as principais divergências internas em relação à visão da Economia Solidária?

Heloisa Primavera – Se consideramos o fenômeno a nível mundial, acredito que sejam bem mais que divergências internas. Considero que se trata mais do fenômeno da "cegueira cognitiva" que Heidegger assinala na sua concepção do Dasein no **Ser e Tempo**: estamos aí lançados, somos "falados" por um discurso que já estava quando chegamos e só podemos ver em função disso.

Todos temos nossas cegueiras cognitivas. Por exemplo, ser brasileira me permitiu ver um lado do peronismo na Argentina que é invisível para os que nasceram lá. E não ver certas coisas de minha "brasileidade", até que encontrei o pensamento de **Darcy Ribeiro**, que foi orientador de minha dissertação de mestrado, justamente sobre o peronismo.

Falamos muitas vezes disso, com colegas e também com companheiros de militância política. Não é possível sair completamente de nossa cegueira cognitiva, mas reconhecer que a temos já é um tremendo avanço: podemos incorporar outras visões e partilhar projetos com uns, deixando de satanizar os que não pensam como nós. Infelizmente, a doença da arrogância intelectual que nos faz tão mal, é quase incurável.

IHU On-Line - O que são moedas sociais? Como definiria as Finanças Solidárias?

Heloisa Primavera - Moedas sociais são substitutos da moeda oficial que permitem expressar-se um mercado reprimido por falta de instrumentos de pagamento. Trata-se de moedas complementares às moedas oficiais, que são denominadas moedas sociais, quando produzidas e administradas por seus próprios usuários para distribuir a riqueza, em vez de concentrá-la, como tão bem o faz a moeda oficial graças ao mecanismo do juro bancário.

Devem ser usadas como instrumentos de reconceitualização do fenômeno antropológico e social do dinheiro e são uma forma de empoderamento das pessoas. É incrivelmente transformador quando se chega à etapa reflexiva do processo, o que não ocorre sempre, ou seja, uma pessoa pode usar a moeda social sem compreender o que ela significa. Na verdade, é o mesmo que acontece na maioria das vezes, por isso é tão importante a função formadora dos promotores dos clubes de troca.

Um exemplo extremo: o Professor **Paul Singer** sabe bem disso, por isso incluiu os clubes de troca como EES (Empreendimento da Economia Solidária) no Atlas recentemente publicado pela SENAES. Mas a maior parte dos militantes da Economia Solidária no Brasil nem imagina. Assim, é fundamental incluí-la como instrumento das finanças solidárias, tendo em conta que estas devem ser múltiplas, variadas, ainda por criar, como o foco principal dirigido a recuperar o sentido de inclusão social perdida (não financeira!)

IHU On-Line - A senhora visualizou alguma mudança com a chegada de governos de esquerda ao poder na América Latina?

Heloisa Primavera - Seria necessário caracterizar com maior precisão os governos a que você se refere, mas se falamos dos últimos anos, acredito que a "virada" chegou recentemente com a decisão de **Chávez** de incorporar a Venezuela ao Mercosul, como marco fundacional de um novo bloco político, capaz de desarmar os tratados de comércio bilaterais. Também tenho grande expectativa com a aposta que vários governos - alguns mais timidamente, outros menos - fazem na importância da incidência das organizações da sociedade civil e do diálogo com o poder público. Enfim, acredito que estamos num bom caminho e, adultamente, oscilo entre um otimismo moderado e adolescente em relação ao futuro.

IHU On-Line - Como a senhora vê a integração atual latino-americana? Existe um mercado solidário entre os países da América do Sul? E o que acha do conflito Uruguai-Argentina pelas papeleiras?

Heloisa Primavera - Tivemos recentemente em Córdoba, Argentina o encontro de cúpula dos presidentes dos países que integram o Mercosul e pudemos comprovar o estado embrionário em que estão essas relações. É esperável, já que são processos lentos e complexos, onde várias iniciativas devem convergir para produzir mudanças sustentáveis. Não acredito que sejam as reuniões de Presidentes e chanceleres as que vão tecer esse processo de integração, apesar de que elas têm alto valor simbólico. O conflito das papeleiras - que na Argentina fazemos questão de chamar "pasteiras" porque isso revela que o processo é muito mais tóxico ainda e que o Sul como sempre está sendo utilizado como lixão - desnuda as misérias dos governos nacionais e da irresponsabilidade que deveriam ser políticas de Estado, como também da utilidade relativa da Corte de Haia.

Aí temos uma nova oportunidade de a sociedade civil fazer-se escutar e da capacidade dos governos nacionais resolverem o que costuma ser um diálogo de surdos entre Estado, sociedade civil e mercado. Além disso, podemos ver a cara real do processo de integração regional, ainda tão frágil. Mas acredito que mudanças de médio prazo serão produzidas, como foi o caso da criação de um novo significado simbólico para a palavra "desaparecido" e o nascimento desse movimento social de características por um lado gandianas, por outro "revolucionárias" que inauguraram nossas Mães da Praça de Maio. O caminho da construção da História é - no mínimo – surpreendente e fascinante.

IHU On-Line - Qual a evolução que foram tendo os clubes de troca? Ainda existe espaço para esses clubes?

Heloisa Primavera - Entre 1995 - 2001, os clubes tiveram um desenvolvimento absolutamente expansivo e, para mostrar sua potencialidade, passaram de 23 pessoas a seis milhões de envolvidos neles. Isso continua sendo um motivo de turismo acadêmico e jornalístico à Argentina: tenho pessoalmente registradas mais de 200 demandas em relação ao interesse por esse fenômeno. A partir de 2002, as crises, tanto interna como externa às redes de troca, muito mais rápido que aconteceu no seu crescimento, eles praticamente explodiram, como o fez o

país, em certo sentido. Só que, mais uma vez, assistimos a um processo quase biológico, como diria **Gregory Bateson** naquela famosa frase: "Por que as coisas se desordenam?"

Hoje a ação está "reduzida" talvez a umas 100.000 pessoas, principalmente organizadas em pequenas unidades, onde se pratica mais a solidariedade de pequena escala e o saudosismo (tão próprio da cultural local) que a "revolução" de fazer sua moeda própria. O milagre já não existe. O sonho acabou. Mas acabou mesmo? Para quem?

Talvez para a mídia, que só gosta de cifras altas e superlativas. Não deveria ser assim para a academia, que, infelizmente, com raras exceções, parece ter abandonado esse objeto de estudo que ela não foi capaz de reconceitualizar.

O assédio dos financiamentos, talvez, estaria na origem dessa deserção prematura. É preciso esperar alguns anos para ver - não só porque acabou, mas - principalmente como se formou e em que se transformou. Impossível na cegueira cognitiva que não se reconhece como tal, principalmente nos formadores de opinião e nos (que deveriam ser) criadores de conceitos.

IHU On-Line - As finanças solidárias e os clubes de troca estão destinados a pequenas experiências ou eles seriam capazes de corroer de alguma forma o sistema neoliberal no qual estão inseridos?

Heloisa Primavera - Tomando a formulação de sua pergunta, acrescentaria a essas duas iniciativas que se referem uma à etapa previa à produção e outra à comercialização propriamente dita, outras relacionadas à etapa produtiva (cooperativismo crítico, diversas formas de autogestão, pequenas unidades familiares), como o comércio justo crítico, o consumo ético e responsável e o diálogo com o poder público para assumir a responsabilidade da sustentabilidade econômica, política, social e ambiental. Ou seja, só então poderíamos falar de um modelo de desenvolvimento alternativo, nosso foco principal, esse famoso "outro mundo" possível.

IHU On-Line - Como avalia o governo Kirchner? Qual seria seu balanço até o momento?

Heloisa Primavera - Muito positivo por um lado, com algumas restrições ao "estilo" que, se o tenta ainda não consegue, ser plural, aberto e participativo dos "diferentes" aos aliados incondicionais. Ao lado de muitas conquistas inegáveis no campo dos direitos humanos, da economia e da relocalização de pactos institucionais prévios, faltam algumas dívidas internas, relacionadas a diminuir as desigualdades e a uma cultura do trabalho em setores que se encontram quase lumpenizados pelo efeito de planos sociais que não são capazes de dar conta dessa reparação.

IHU On-Line - A senhora olha com esperança para as novas lideranças da América Latina como Evo Morales, Chávez, Bachelet? O que podemos esperar para nosso continente?

Heloisa Primavera - Considero-me historicamente privilegiada de viver nessa época: Chávez, Morales, Bachelet! Um militar nacionalista, erudito e poeta apaixonado, um membro íntegro das primeiras nações dessa Pátria Grande e uma mulher culta que foi marcada pelo peso de uma das mais ferozes ditaduras da região. Se nos animássemos a pensar com a cabeça de videojogo, as probabilidades de ocorrência dessa combinação, estão quase na mesma ordem de aparição do ADN! Mas aconteceu e é como ganhar na loteria: ganhamos! Agora, é hora de pensar que não devemos esperar e sim **sonhar**, como diz **Oscar Niemeyer** na capa do último Caros Amigos e **começar a fazer**, como disse outro companheiro que preferiu não falar de flores...

Apucarana. Uma experiência de educação que está dando certo

"Em Apucarana, norte do Paraná, com 116 mil habitantes, pais com maior poder aquisitivo estão tirando seus filhos de escolas privadas para matriculá-los na rede municipal de ensino -e não por questões financeiras", escreve Gilberto Dimenstein hoje, no artigo *Brasil em tempo integral*, no jornal Folha de S. Paulo, 6-8-2006.

Segundo ele, "Apucarana está no topo da lista das cidades com melhor avaliação, feita pelo Ministério da Educação. Suas escolas municipais oferecem aulas da manhã até o final da tarde, com direito a dois lanches e almoço; assistência médica; 33 tipos de atividades extracurriculares (como xadrez, origami e música); programas de estímulo ao empreendedorismo mesmo para as crianças da 1ª série. Pelo menos um motivo deveria levar os candidatos a governador e a presidente a estudar essa experiência: o custo mensal do aluno é de R\$ 180. É uma quantia que sugere a viabilidade de replicar, a médio e longo prazos, semelhante qualidade de ensino em todo país".

Gilberto Dimenstein escreve:

"Só se chegou a esse valor porque se montou um quebra-cabeças unindo as mais diferentes esferas da prefeitura. Dividiu-se a cidade em regiões, cada qual gerida por um núcleo que agrupa lideranças comunitárias e o poder público; cada núcleo se reúne numa escola.

Os responsáveis da prefeitura pelo turismo e pelo meio ambiente, por exemplo, foram chamados a envolver os alunos. O Sesi e o Senai instalaram classes de orientação profissional dentro das escolas em conexão com empresários locais. Como se concentra, na cidade, uma cadeia produtiva têxtil, os estudantes são convidados a customizar roupas.

As crianças vão ao "Clube da Sabedoria", um centro de convívio de idosos, onde desenvolvem atividades com a terceira idade. Se um pai de aluno estiver sem dinheiro, será convidado a trabalhar numa horta comunitária, o que lhe garantirá, além dos recursos federais do Bolsa-Família, uma cesta básica. Mães são encaminhadas a programas para gestantes; jovens, para um centro de prevenção à gravidez precoce.

Os estudantes aprendem sobre economia -e também sobre alimentação saudável- porque todos os produtos são comprados em vilas rurais, sem agrotóxico. Isso ajuda a manter os baixos índices de desemprego do local."

E o colunista conclui:

"É um projeto ainda em consolidação. Muito falta para assegurar sua perenidade, formar gestores dentro e fora da escola, implementar um currículo melhor e elevar o nível dos professores. Não se passou pelo teste da mudança de governo. Mais grave, a rede municipal vai da 1ª à 4ª série. Depois, os alunos passam para escolas estaduais, que, por ora, têm apenas um turno. Corre-se, assim, o risco de perder o investimento.

Tais falhas e riscos só levam à conclusão de que o melhor que um presidente e um governador podem fazer para a melhoria do nível de ensino e das ações sociais é estimular esses modelos de integração -é mais gestão e menos no dinheiro que está a diferença."

ENTREVISTA A HELOISA PRIMAVERA – UNISINOS, para Yordanna Colombo

1) Em 2002 a senhora nos concedeu uma entrevista sobre economia solidária. Muitas coisas mudaram na sua concepção de economia solidária de lá para cá?

Quando você recorda essa data, é difícil acreditar que passaram somente 4 anos... Mas esse tempo foi muito intenso e talvez por isso pareça tanto mais. Vejamos o que aconteceu concretamente e a que se deve essa sensação de defasagem...

Particularmente, como vivo na Argentina, 2002 foi o ano do caos que seguiu-se a mudança de 4 presidentes em duas semanas e também do começo da recuperação. No setor da Economia Solidaria, apareceram formas muito inovadoras como as "ollas populares" – enormes caldeiros onde pessoas cozinhavam para quem não tinha o que comer e servia-se nas ruas.. os clubes de troca num primeiro momento explodiram: a moeda social era a única que parecia dar conta da crise. Continuava aquele clima permanente de indignação pela "desaparição" das poupanças da forma supreendente e escandalosa como aconteceu, as ruas eram cortadas, as fábricas tomadas e a população se organizava em assembleias de quarteirão, tentando dar vazão aquela furia que se expressava com um genérico "Que se vayan todos"... Também é preciso dizer que, apesar do que teria sido necessário, as diferentes formas de ação política direta e a própria Economia Solidaria não se organizaram entre elas e ficaram fazendo "lobby" cada uma por seu lado. Vejo isso muito claramente porque nunca perdi o contato com o Brasil e essa foi uma diferença importante, porque aqui organizou-se, claramente "de baixo para cima", todo um movimento de formas associativas que no ano 2000 culminou com a criação da Rede Brasileira de Socioeconomia Solidaria. É preciso, então, marcar essa diferença se queremos ser rigorosos na observação desse fenômeno que vem crescendo no mundo inteiro.

Especificamente, no espaço dos clubes de troca e moedas sociais, sem dúvida a realização do Fórum Social em Porto Alegre contribuiu para que eles foram difundidos a nível mundial e em muitos lugares se desencadeassem processos autônomos. Penso, concretamente, em Vitoria da Conquista (Bahia) e numa experiência da Califórnia, que foram promovidas por pessoas que estiveram em nossas oficinas. Os governos de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul estimulavam todo esse tipo de iniciativas, com uma sabia "não intervenção", que hoje sabemos ser crítica para os processos de empoderamento das organizações populares. Nenhuma ajuda é pouco, mas ajuda demais as vezes atrapalha; a experiência mostrou isso claramente.

Então, voltando ao sentido de sua pergunta, minhas concepções sobre a Economia Solidaria mudaram muito nesse tempo... Acho que as próximas respostas vão mostrar bem isso, mas o central é que o processo de consolidação dessa mudança aparece claramente, além dos escritos publicados, na formulação do Projeto Colibri que substitui o Programa de Alfabetização Econômica, originalmente mais focado na implantação da moeda social. Diria que tratou-se do deslocamento do foco na exclusão pelo desemprego a promoção do desenvolvimento do território como "casa" coletiva dos excluídos...

2) Quais são as principais recordações que a senhora tem da época que morou no Brasil? Quais suas lutas, conquistas e preocupações desse momento? Como chegou a toda a idealização do clube de trocas?

Essa é uma pergunta muito especial, já que me leva diretamente ao espaço da infância e adolescência, onde "praticava economia solidária" acompanhando meu pai que era médico de pobres e aceitava retribuição de seus serviços em espécie, chegando a casa com doces caseiros, galinhas mortas (inteiros), ovos, etc. Acho que sem dúvida essa é a base da minha compreensão imediata das trocas solidárias. Mas também devo incluir a presença muito forte de Paulo Freire, já que tive a honra de pertencer aos primeiros grupos de alfabetização de adultos nas favelas da Marginal Tietê, em São Paulo, onde morava na época. Quase simultaneamente, veio a influência de minha mãe, que era atriz e me permitiu abraçar o teatro como atividade conscientizadora. Pertenci ativamente à geração do Teatro Oficina e com meu mestre Eugenio Kusnet (amigo do próprio Stanislavsky) aprendi dos Pequenos Burgueses de Maxim Gorki duas coisas que ainda estão bem vivas em mim: "Existem sempre duas

verdades, não umal". "O que existe no futuro depende de voce!" Que emoção verificar onde tudo isso esta guardado. Obrigada pela pergunta...

3) Quais são as principais divergências internas em relação à visão da economia solidária?

Acredito que sejam bem mais que divergências internas. Considero que se trata do fenômeno da "cegueira" que Heidegger assinala na sua concepção do Dasein no Ser e Tempo: estamos aí lançados, somos "falados" por um discurso que já estava quando chegamos e só podemos ver em função disso. TODOS TEMOS NOSSAS CEGUEIRAS COGNITIVAS. Por exemplo, ser brasileira me permitiu ver um lado do peronismo na Argentina que é invisível para os que nasceram lá. E não ver certas coisas de minha "brasileidade", até que encontrei o pensamento de Darcy Ribeiro, que foi orientador de minha tese de Mestrado, justamente sobre o peronismo. Falamos muitas vezes disso, com colegas e também com companheiros de militância política. Não é possível sair completamente de nossa cegueira cognitiva, mas reconhece-la é um tremendo avanço: podemos incorporar outras visões e partilhar projetos com uns, deixando de satanizar os que não pensam como nos. Infelizmente, a doença da arrogância intelectual que nos faz tão mal, é quase incurável...

4) O que são moedas sociais? Como definiria as finanças solidárias?

Moedas sociais são substitutos da moeda oficial que permitem expressar-se um mercado reprimido por falta de instrumentos de pagamento. Trata-se de moedas complementares às moedas oficiais, que são denominadas moedas sociais quando produzidas e administradas por seus próprios usuários para distribuir a riqueza, em vez de concentrá-la, como tanto faz a moeda oficial graças ao mecanismo do juro bancário. Devem ser usadas como instrumentos de reconceptualização do fenômeno antropológico e social do dinheiro e são uma forma de empoderamento das pessoas, é incrivelmente transformadora quando se chega a etapa reflexiva do processo, o que não ocorre sempre. Ou seja, uma pessoa pode usar a moeda social sem compreender o que ela significa. Na verdade, é mesmo o que acontece na maioria das vezes, por isso é tão importante a função formadora dos promotores dos clubes de troca. Um exemplo extremo: o Professor Paul Singer sabe bem disso, por isso inclui os clubes de troca como EES (Empreendimento da Economia Solidária) no Atlas recentemente publicado pela SENAES. Mas a maior parte dos militantes da Economia Solidária no Brasil nem imagina... Por isso é fundamental incluí-la como instrumento das finanças solidárias, tendo em conta que estas devem ser múltiplas, variadas, ainda por criar, como o foco principal dirigido a recuperar o sentido de inclusão social perdida (não financeira!)

5) Neste sentido, a senhora visualizou alguma mudança com a chegada de governos de esquerda ao poder na América Latina?

Seria necessário caracterizar com maior precisão os governos a que você se refere, mas se falamos dos últimos anos, acredito que a "virada" chegou recentemente com a decisão de Chávez de incorporar a Venezuela ao Mercosul, como marco fundacional de um novo bloco político capaz de desarmar os tratados de comércio bilaterais. Também tenho grande expectativa com a aposta que vários governos – alguns mais timidamente, outros menos – fazem na importância da incidência das organizações da sociedade civil e do diálogo com o poder público. Enfim, acredito que estamos num bom caminho e, adultamente, oscilo entre um otimismo moderado e adolescente em relação ao futuro.

6) Como a senhora vê a integração atual latino americana? Existe um mercado solidário entre os países da América do Sul? E o que acha do conflito Uruguai-Argentina pelas papeleiras?

Tivemos recentemente em Córdoba, Argentina o encontro de cúpula dos Presidentes do Mercosul e pudemos comprovar o estado embrionário em que estão essas relações. É esperável, já que são processos lentos e complexos, onde várias iniciativas devem convergir para produzir mudanças sustentáveis. Não acredito que sejam as reuniões de Presidentes e chanceleres as que vão tecer esse processo de integração, apesar de que elas têm alto valor

simbolico. O conflito das papeleiras – que na Argentina fazemos questão de chamar “pasteiras” porque isso devela que o processo é muito mais tóxico ainda e que o Sul como sempre está sendo utilizado como lixão – desnuda as misérias dos governos nacionais e da irresponsabilidade das que deveriam ser políticas de Estado, como assim também da utilidade relativa da Corte de Hay... Aí temos uma nova oportunidade da sociedade civil fazer-se escutar e da capacidade dos governos nacionais resolverem o que costuma ser um diáogo de surdos entre Estado, sociedade civil e Mercado. Além disso, podemos ver a cara real do processo de integração regional, ainda tão fragil. Mas acredito que mudanças de médio prazo serão produzidas, como foi o caso da criação de uma novo significado simbólico à palavra “desaparecido” e o nascimento desse movimento social de características por um lado gandianas, por outro “revolucionárias”que inauguraram nossas Mães da Praça de Maio. O caminho da construção da História é – no mínimo – fascinante.

7) Qual a evolução que foram tendo os clubes de troca? Ainda existe espaço para esses clubes?

Entre 1995 – 2001, os clubes tiveram um desenvolvimento absolutamente expansivo e, para mostrar sua potencialidade, passaram de 23 pessoas a 6 milhoes de envolvidos neles. Isso continua sendo um motivo de turismo academic e jornalístico à Argentina: tenho pessoalmente registradas mais de 200 demandas em relação ao interesse por esse fenomeno. A partir de 2002, as crises tanto interna como externa às redes de troca, muito mais rapido que aconteceu no seu crescimento, eles praticamente explodiram, como o fez o pais, em certo sentido. Só que, mais uma vez, assistimos a um processo quase biológico, como diria Gregory Bateson naquele famoso metálogo: “Porque as coisas se desordenam ?” Hoje est àção “reduzidos”talvez a umas 100.000 pessoas, principalmente organizadas em pequenas unidades, onde se pratica mais a solidariedade de pequena escala e o saudosismo (tão próprio da cultural local) que a “revolução”de fazer sua moeda própria. O milagre já não está. O sonho acabou... Mas acabou mesmo? Para quem? Talvez para a midia, que só gosta de cifras rapidas e superlativas. Não deveria ser assim para a Academia, que infelizmente, com raras exceções, parece ter abandonado esse objeto de estudio que não foi capaz de reconceitualizar. O assédio dos financiamentos, talvez, estaria na origem dessa deserção prematura. É preciso esperar alguns anos para ver – não só porque acabou mas – principalmente COMO se formou e em que se TRANSFORMOU. Impossível dentro da cegueira cognitiva que não se reconhece como tal, principalmente nos formadores de opinião e nos (que deveriam ser) criadores de conceitos...

8) As finanças solidárias e os clubes de troca estão destinados a pequenas experiências ou eles seriam capazes de corroer de alguma forma o sistema neoliberal no qual estão inseridos?

Tomando a formulação de sua pergunta, acrescentaria a essas duas iniciativas que se referem uma à etapa previa à produção e outra à comercialização propriamente dita, outras relacionadas à etapa produtiva (cooperativismo crítico, diversas formas de autogestão, pequenas unidades familiares), como o comércio justo crítico, o consumo ético e responsável e o dialogo com o poder publico para assumir a responsabilidade da sustentabilidade econômica, política, social e ambiental... Ou seja, só então poderíamos falar de um modelo de desenvolvimento alternativo, nosso foco principal. Esse famoso “outro mundo” possível...

9) Como avalia o governo Kirchner? Qual seria seu balanço?

Muito positivo por um lado, com algumas restrições ao “estilo”que, se o tenta ainda não consegue, ser plural, aberto e participativo dos “diferentes” aos aliados incondicionais. Ao lado de muitas conquistas inegáveis no campo dos direitos humanos, da economia e da relocalização de pactos institucionais prévios, faltam algumas dívidas internas, relacionadas a diminuir as desigualdades e a uma cultura do trabalho em setores que se encontram quase lumpenizados pelo efeito de planos sociais que não são capazes de dar conta dessa reparação.

10) A senhora olha com esperança para as novas lideranças da America Latina como Evo Morales, Chávez, Bachelet? O que podemos esperar para nosso continente?

Me considero historicamente privilegiada de viver nessa época: Chavez, Morales, Bachelet! Um militar nacionalista, erudito e poeta apaixonado, um membro íntegro das primeiras nações dessa Patria Grande e uma mulher cultivada que viveu em seu corpo o peso de uma das ferozes ditaduras da região... Se nos animáramos a pensar com cabeça de video-jogo, as probabilidades de ocorrência dessa combinação estão quase na mesma ordem de aparição do ADN! Mas aconteceu e é como ganhar na loteria: ganhamos!

Agora, é hora de pensar que não devemos esperar e sim SONHAR, como diz Oscar Niemeyer na capa do último Caros Amigos e começar a FAZER, como disse outro companheiro que preferiu não falar de flores...